



NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Termina hoje a II Conferência Intergovernamental Guiné-Cabo Verde Os dois chefes de governo visitam as regiões de Bafatá e Gabú

Termina hoje em Bissau, a II Conferência Inter-governamental, cujos trabalhos serão preenchidos, com a leitura e apreciação dos relatórios das comissões de trabalho. A assinatura do comunicado conjunto desta reunião será feita amanhã, após a romagem de saudade à Fortaleza da Amura, em homenagem aos nossos heróis nacionais.

Paralelamente ao programa da segunda reunião inter-governamental, os camaradas João Bernardo Vieira, Comissário Principal, e Pedro Pires, Primeiro Ministro de Cabo Verde, acompanhados do Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural, camarada Mário Cabral, efectuaram antontem e ontem visitas às regiões de Bafatá e Gabú onde se inteiraram das realizações aí em curso, nomeadamente o centro de tracção animal da região de Bafatá e Gabú, onde Povoação «Braima Soré», o projecto de arroz de Contuboeil, a fábrica debulhadora de algo-

ção, centro de formação de enquadreadores agrícola e a cooperativa 12 de Setembro.

Os camaradas João Bernardo Vieira e Pedro Pires deslocaram-se à região de Bafatá, num barco-patrolha da nossa marinha de guerra nacional. A primeira escala da viagem seria feita em Xime, onde o Presidente do Comité de Estado da região, camarada Braima Bangurá, acompanhado de responsáveis de alguns departamentos regionais, os recebeu. No porto de Xime, os dois chefes de governo receberam as honras militares de uma companhia das FARP.

Uma das mais importantes realizações da referida localidade — Silos para armazenamento de sementes destinadas ao complexo industrial de Cumeré — mereceu a particular atenção da comitiva que visitou aquela obra. Esta importante realização, que já se encontra na fase final de construção, constitui de algum modo uma infraestrutura impor-

tante para Xime, contando com, seis silos com capacidade total para armazenar seis mil toneladas de cereais.

Após o almoço oferecido pelo Presidente do Comité de Estado da região de Gabú os camaradas João Bernardo Vieira e Pedro Pires, no regresso à cidade de Bafatá, visitaram o centro de tracção animal situado na tabanca «Braima Soré», onde assistiram a uma sessão de ensino e treinamento para os trabalhadores da lavoura.

Em Contuboeil, o responsável do projecto de arroz, que já aguardava a comitiva, fez algumas explicações sobre o andamento dos trabalhos. O projecto, onde paralelamente à experiência-piloto de irrigação se desenvolve o trabalho de enquadramento das famílias, contou no ano passado com 60 hectares de terreno cultivado. Para este ano, prevê-se que a área de cultivo aumente para cerca de 100 hectares, factor importante, tendo em

conta que um dos seus objectivos é a multiplicação das sementes.

Um dos resultados palpáveis

no que se refere ao incentivo das populações para a cultura do arroz, é, além da participação dos homens na cultura —

segundo o responsável do projecto, anteriormente existia um

(Continua na página 8)



Na gravura os dois chefes de governo visitam a cooperativa «12 de Setembro»

Delegação militar soviética visita o país



O chefe da delegação soviética, almirante Amelko

Uma importante delegação do ministério de defesa da União Soviética, chefiada pelo vice-chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, almirante Nikolay Amelko, chegou ao nosso país na passada quinta-feira, para uma semana de visita de amizade e de trabalho, a convite do Comissário de Estado das Forças Armadas, camarada Úmaro Djaló.

Nas declarações prestadas aos órgãos de informação nacionais e estrangeiros, Nikolay Amelko afirmou que acolhem sempre com grande prazer as visitas deste carácter, porque elas contribuem para o fortalecimento dos laços de amizade entre povos, Estados e Partidos.

A delegação soviética, que deverá, durante a sua estadia, visitar algumas unidades militares e também contactar os nossos dirigentes militares, foi recebida no aeroporto de Bissau pelos camaradas Lúcio Soares, primeiro adjunto do Chefe do Estado Maior das FARP; Julinho de Carvalho, Comissário Político Nacional das FARP; Julião Lopes, comandante da Marinha de Guerra Nacional; Agostinho d'Almada, comandante da Força Aérea e Mateus Correia, segundo comandante da Marinha de Guerra Nacional.

Irão: apoio popular ao governo provisório

TEERÃO — Ao desfilar antontem aos milhões, nas ruas da capital e de outras grandes cidades do Irão, o povo iraniano mostrou de forma eloquente que apoia o governo provisório de Mehdi Bazargan, em detrimento do governo de Chapur Bakhtiar, que considera ilegal.

Só um incidente grave foi assinalado na quinta-feira, em Gorgan, no norte do país, onde confrontos causaram 12 mortos e 45 feridos, segundo a rádio iraniana.

Pela primeira vez em Teerão, militares iranianos manifestaram-se fardados ao lado dos partidários do «ayatola» Komeiny. Mais de um milhar de militares da força aérea, fardados de azul, desfilaram agrupados, aplaudidos pela multidão, no quadro da manifestação popular de apoio ao governo.

(Continua na página 8)

Brevemente em Bissau

Seminário de Jornalistas africanos

O «Instituto Cultural Africano» (ICA) programa, para breve, em Bissau, um seminário de Informação de Jornalistas africanos. A decisão foi revelada em Dakar, por Emmanuel Evans Anfom, presidente do Conselho Executivo do ICA e ministro da Educação e da Cultura do Ghana.

O ICA projecta realizar também, futuramente, a terceira conferência dos ministros da Cultura, que deve ter lugar em Maio em Bangui, a uma bial de Artes Africanas, desta vez em Abidjan, e um encontro de peritos culturais dos países anglófonos da África.

Emmanuel Evans Anfom, que enumerou os diferentes projectos numa conferência de imprensa na capital senegalesa, sublinhou, igualmente que as questões financeiras era a «doença» do ICA originada principalmente pela falta de pagamento regular das cotas pelos Estados membros.

Embaixador da Polónia entrega credenciais

Numa breve cerimónia realizada antontem à tarde no salão Abel Djassi do Palácio da República, o camarada Presidente Luiz Cabral recebeu das mãos de Jan Krzywicki, as cartas credenciais que o acreditam como embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Popular da Polónia no nosso país, em substituição de Tadeus Kuzminski, que terminou a

sua missão junto do nosso governo.

Além do camarada Presidente, assistiram ao acto os camaradas Victor Saúde Maria, do C.E.L. do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, e Samba Lamine Mané, Comissário de Estado dos Recursos Naturais.

Ao usar da palavra, o diplomata polaco exprimiu a vontade do seu

povo e governo de alargar cada vez mais as relações de cooperação existentes entre os nossos dois povos, sem deixar de frisar a grande admiração que o povo da Polónia tem pelo o nosso povo. A terminar, o embaixador Krzywicki transmitiu ao camarada Presidente Luiz Cabral as saudações do seu povo combatente da Guiné-Bissau, cuja luta seguiu atentamente.

No aeroporto: obras dessas não são precisas

Camarada Director

Através desta carta que dirijo ao jornal «Nô Pincha», quero levantar um problema que, quanto a mim, parece bastante desagradável, principalmente para aquelas pessoas que às quartas-feiras e sábados, fazem o seu grande passeio matinal para irem ver chegar a TAP de Lisboa e Sal.

O problema é o seguinte: todos os aeroportos, pelo menos aqueles que conheço têm um lugar amplo e com boa pista de aterragem, para as pessoas poderem ver chegar e partir a família, os amigos e os passageiros em geral. O nosso aeroporto de Bissalanca também o tinha. Tinha, pois agora já não tem. Resolveram fazer aí umas obras bastante esquisitas.

Onde havia aquele muro pequeno, resolveram levantar uma vedação até ao tecto, e agora, quem fôr esperar os familiares e amigos tem que espreitar pelos buracos para poder ver o avião chegar e partir. E é se quiserem. Quanto a mim isto é bastante incómodo, e as pessoas que não chegam cedo e têm que ficar atrás (pois esse lugar está sempre cheio) não vêem nada.

Agora pergunto. Qual é a utilidade e objectivo dessa vedação? Será que têm medo que as pessoas saltem o muro e entrem clandestinamente para o avião? Será que a presença das pessoas aí perturba o controle do aeroporto? Talvez sejam essas as razões porque, outra não vejo.

Outra questão é que, havendo tantas obras para fazer em Bissau e no resto do país, porque é que esta tem prioridade? Se fosse ainda para embelezar o nosso aeroporto, poderíamos fechar os olhos. Mas nem isso. O local fica bastante feio, parecendo uma prisão.

Mesmo quando falamos em obras, podemos dizer que no aeroporto há muita coisa que precisa ser feita com urgência, como por exemplo a iluminação da pista. Neste momento só um terço da pista, ou seja, 600 metros está iluminada. Os aviões não aterram nem deslocam à noite, ou fazem-no com grandes dificuldades e com pouca segurança. Penso que este problema deveria ser resolvido, pois é mais urgente e necessário do que fazer vedações para que as pessoas não possam ver a chegada e partida de aviões no aeroporto de Bissalanca.

SONA MAWA

Prevista a criação de uma escola de Administração Pública em Bissau

O camarada Francisco Barreto, director-geral do Comissariado do Interior, partiu para Tânger (Marrocos), a fim de participar na reunião do Comité Especial da Cafrad (Centro Africano de Formação e Pesquisa Administrativa para o Desenvolvimento), de que o nosso país é membro desde 1977. Os problemas ali discutidos serão posteriormente submetidos ao Conselho de Administração da Cafrad, que se reúne anualmente.

Francisco Barreto declarou à sua partida que aproveitará a oportunidade para efectuar contactos tendentes à criação de uma escola nacional de Administração Pública em Bissau, sobre a qual já há um pedido, formulado em 78 à Ca-

frad, que está a ser estudado.

«Efectivamente, vamos tentar incluir na ordem dos trabalhos os problemas da administração ligados à criação dessa escola» — afirmou, tendo esclarecido, por outro lado, que dos países das antigas colónias portuguesas, a Guiné-Bissau ainda é o único membro.

Condenação dos crimes do Apartheid

O Juiz do Supremo Tribunal da Justiça da Guiné-Bissau, Artur Augusto da Silva, seguiu ontem, quarta-feira, para Bruxelas, a fim de participar na reunião da Comissão Internacional de Inquérito sobre os Crimes dos Regimes Racistas e do Apartheid na África do Sul, a decorrer naquela capital belga a partir de hoje até domingo próximo.

JAAC promove Carnaval-79

A Juventude Africana Amílcar Cabral — JAAC — em colaboração com a Direcção-Geral da Cultura e o Comité de Estado da Cidade de Bissau, vai organizar uma série de actividades durante o pe-

ríodo de carnaval não só para a angariação de fundos para a sua primeira conferência, mas também para dinamizar e oferecer aos nossos jovens, em geral, momentos de contacto e de actividade culturais.

Curso para Administradores de Empresas

Inicia-se na próxima segunda-feira a segunda parte do Curso sobre a Análise Económica e Financeira de Empresas, promovido pela Direcção-Geral de Controle e Apoio às Empresas do CECEP, e integrado no âmbito de trabalhos do Projecto CETEL/NORMA/SIDA. O Curso é destinado aos directores das empresas públicas e mistas.

Segundo uma nota enviada pelos serviços do projecto CETEL/NORMA, a reabertura será efectuada numa das salas da Escola Preparatória Salvador Allende, e contará com a presença dos camaradas Comissários Vasco Cabral e Filinto Vaz Martins. O curso decorrerá até sexta-feira próxima todos os dias das 17, às 19 horas.

Assim, teremos entre as diversas festividades que assinalarão, de 24 a 27, o carnaval-79, bailes em Bissau, Bafatá, Bolama e Cantchungo, durante os quais serão levados a cabo sorteios, concursos de dança, de máscaras e outras actividades recreativas.

De realçar «desfile de carnaval» nas ruas de Bissau, em que os grupos participantes poderão concorrer com ou sem carros alegóricos, uma «feira de carnaval», um torneio desportivo de futebol de salão entre bairros, um festival da canção para intérpretes femininos do Sector Autónomo de Bissau e sessões culturais com um concurso de teatro. As inscrições para o concurso de máscaras de adultos, dos grupos para o desfile, e dos bairros para o torneio de futebol de salão, bem como para o festival da canção, devem ser feitas na sede da JAAC. Também serão levadas a cabo várias realizações nas regiões do país.

Reforço da rede de telecomunicações com Portugal

Uma delegação portuguesa da Rádio Marconi, chefiada pelo sr. Virgílio Figueiredo, encontra-se em Bissau, desde quarta-feira para, em colaboração com os Correios e Telecomunicações da Guiné-Bissau, preparar as comunicações entre os dois países para a vinda do Presidente Ramalho Eanes. A delegação integra seis pessoas e deve ficar no país até ao dia 28

de Fevereiro. Segundo o porta-voz da delegação, os técnicos portugueses aproveitarão a oportunidade para efectuar o estudo de montagem de um comutador de telex, oferecido pelos C.T.T. portugueses. A montagem deverá ser feita proximamente, quando os técnicos da Marconi regressarem ao nosso país especificamente para esse trabalho.

Para onde foi a máquina de escrever?

Um dos nossos camaradas de trabalho deixou, por esquecimento, sobre o balcão de venda de selos da Estação Central dos Correios, cerca das 16 e 30 horas de anteontem, 3.ª-feira, uma máquina de escrever portátil, de caixa cinzenta, marca Hermes-baby. Quando regressou ao local, pouco depois, verificou que a mesma tinha desaparecido.

Como se trata de um instrumento de trabalho que muita falta faz, agradecemos que quem souber do seu paradeiro entre em contacto com a nossa redacção.

Responde o povo

Arbitros de "trazer por casa" nos Nacionais de Futebol

Os jogos que se realizam em alguns campos do Interior do país, sobretudo no do Futebol Clube de Quinara (Buba), sob a orientação de árbitros improvisados pelos delegados de ambas as equipas, devido à falta de comparência dos árbitros oficiais, é o assunto que abordamos hoje no nosso inquérito.

Desde há muito que esta situação se tem verificado em alguns jogos que contam para o nacional de futebol. Contribuem para a mesma, segundo as várias questões que têm sido levantadas pela Comissão Central de Árbitros, o pouco número de árbitros experientes, ou seja formados de que ela dispõe e os grandes entraves que os seus filiados (árbitros) têm encontrado no domínio das deslocações alojamento, alimentação e condições de trabalho em algumas regiões — Buba, Tombali e Bolama. Vejamos o que dizem os nossos inquiridos.

URGE RESOLVER ESTE PROBLEMA

Luís Gomes (Marinho), 23 anos, estudante — A minha opinião sobre a ausência de árbitros nos campos do Futebol Clube de Quinara (Buba) e uma ou outra vez nos de Tombali e Bolama, é a de que estes factos não devem voltar a acontecer. É inadmissível que uma competição oficial como é o caso do nosso campeonato nacional de

futebol, única desta evergadura que temos a nível do nosso desporto, seja arbitrado por pessoas que, na maior parte das vezes são indivíduos que não percebem patavina das leis do futebol, o que faz com que prejudiquem esta ou aquela equipa.

A ausência de árbitros naqueles campos tem sido justificada como sendo derivada das faltas de transportes, de alojamento, de locais onde arranjar o comer e de con-

dições que garantem, no mínimo, a segurança dos árbitros durante os encontros. É possível que estes factos existam. Aliás, não é que eu ponha em dúvida estas afirmações, antes pelo contrário. Não me têm passado despercebidos os esforços que os nossos árbitros de futebol têm feito nestes últimos anos, em condições por vezes péssimas. Todavia, penso que não devem ficar por aí. Isto porque um clube que faz todos os sacrifícios para cumprir uma jornada, acaba por perder aquele estímulo, aquela força de vontade de o voltar a fazer, quando se vê obrigado a jogar sob a orientação de indivíduos que, «não vem um boi» das leis daquela modalidade. Quanto ao caso da falta de agentes da ordem, o que põe em perigo a segurança do árbitro no terreno ou no fim da partida, esta deve ser garantida pelas au-

toridades locais. Aliás, a alimentação, bem como o alojamento dos árbitros, também podem ser garantidos pelas autoridades regionais — Comité regional local — desde que a Federação Nacional de Futebol e a Comissão Central de Árbitros cheguem a um acordo com a autoridade máxima regional, no sentido de as despesas feitas pelos seus filiados, em conformidade com os subsídios a que têm direito sempre que apitam, sejam posteriormente liquidadas pela Comissão Central de Árbitros.

ÁRBITROS IMPROVISADOS NÃO FAÇO IDEIA...

Epifânio Dias, 24 anos, empregado comercial — Tenho-me deslocado a alguns campos do interior do país para assistir aos jogos que aí se têm realizado e que contaram para o nacional de futebol.

Uma dessas minhas deslocações foi há bem pouco tempo, a Mansoa, para o jogo que opôs equipa local e o Benfica. O árbitro que apitou aquele jogo não foi nada feliz no seu trabalho, e este acabou por se reflectir no resultado final. Quer isto dizer, que se os árbitros cursados, com longos anos de experiência naquele domínio, ainda fazem, uma ou outra vez, um trabalho negativo, aqueles improvisados, então, não faço ideia... Aliás, aposto de que não hesitam em se colocar do lado da equipa de que são adeptos.

Todavia, dizer só que este problema deve ser resolvido quanto antes pelo Conselho Superior dos Desportos, ou pela Federação Nacional de Futebol ou ainda pela Comissão Central de Arbitro, não basta. É verdade que estes três devem procurar em conjunto, e

também com a colaboração das autoridades regionais, resolver o problema. É preciso também que os próprios árbitros e os departamentos onde estes trabalham colaborem.

A colaboração que os departamentos onde os árbitros trabalham podem dar neste domínio, é a seguinte: facilitarem as saídas daqueles camaradas (árbitros) sempre que tenham que se deslocar aos campos para onde os transportes são bastante irregulares. Pois este facto é uma das principais razões da recusa dos árbitros a irem àquelas bandas para apitarem os jogos do nacional que aí se realizam, devido às faltas que apanham nos seus locais de trabalho. Terminando fazendo votos para que a solução seja encontrada no mais curto prazo possível.

Campanha de recolha de pastos

Evita nova importação este ano

Três mil e quinhentas toneladas de palha, além de quatrocentos mil litros de sementes gramíneas, foram recolhidos entre os meses de Novembro e Dezembro do ano findo nas ilhas de Santiago e Fogo-concretização feliz e já vultuosa da Campanha de Recolha de Pastos, lançada a nível nacional pelo Ministério do Desenvolvimento Rural, com o objectivo de, após grande logro da colheita alimentar do ano agrícola, recolher o máximo possível da produção forrageira para a alimentação animal.

A exploração económica de bovinos obriga à existência de recursos forrageiros de que nem sempre dispomos, devido à irregularidade das chuvas no nosso país. O problema da seca tem trazido grandes quebras no número de cabeças de ruminantes, especialmente bovinos, animais que exigem uma alimentação bastante rica. Ora, o exercício da actividade pecuária vem sendo desenvolvido de forma tão irracional que contribuiu para a progressiva desertificação do meio ambiente cabo-verdiano.

Situações aflitivas de falta de pastos e palha têm sido superadas com medidas de emergência, como a importação de forragens, nomeadamente de Portugal. Mas, para além do grande dispêndio de divisas, essas medidas só resolvem, contudo, o problema de cada ano, não oferecendo garantias de abastecimento futuro. Só em 1977/78, o MDR importou de Portugal mil e 200 toneladas de palha num valor total de cerca de 12 milhões de escudos.

Sentia-se a necessidade urgente de aproveitar os recursos locais e fazer o seu armazenamento, utilizando o sistema de medas, pois é muito grande a tonelage de produção forrageira, após a grande precipitação pluviométrica que este ano favoreceu, mesmo só em Setembro, a maior parte do território nacional. Essa foi a medida tomada pelo Ministério do Desenvolvimento Rural após o ano agrícola ter sido declarado perdido relativamente à colheita alimentar, não obstante a grande transformação da terra cabo-verdiana, durante algumas semanas vestida de verde, numa paisagem há muitos anos invulgar.

OS TRABALHOS DE RECOLHA

As encostas, os planaltos e os vales do interior de Santiago já se encontram presentemente transformados em espaços castanhos, característicos da actual estação seca, o período de maior duração nas variações do clima cabo-verdiano. Assim, em muitas zonas, só o pasto para o gado se pode aproveitar.

Pode ver-se em muitas achadas os camponeses com o rosto empapado pelo suor e marcado pela luta titânica contra o clima ingrato, debruçados para ceifar a palha que irão vender aos postos de armazenagem do MDR por oito tostões o quilo, enquanto não é época da colheita do feijão, semeado entre o milho, de que tiram já as folhas para alimentar o seu gado.

Burros carregados de palha e conduzidos por miúdos di-

rigem-se para os pontos de recolha e armazenamento de pasto do Ministério do Desenvolvimento Rural — uma constante nas estradas do interior de Santiago.

O pequeno agricultor, contrariando o hábito de queimar e destruir o pasto, quedando-se na esperança cómoda de melhores chuvas na próxima época, foi estimulado este ano a recolher a palha e vendê-la ao MDR, guardando também uma pequena quantidade para o seu gado.

Dá gosto presenciar a satisfação com que os jovens e mulheres carregam sobre a cabeça fardos gigantescos de palha que lhes tapam a cara, num ritmo cadenciado de palha e saia balançando ao sabor do vento pelas encostas e carreiros das montanhas. E a alegria demonstrada é bem compreensível — é a certeza de que não terão de matar ou de ver morrer os animais que ainda lhes garantem que nem tudo está perdido. Com as forragens armazenadas, é agora possível garantir a produção pecuária, durante os meses de intervalo até a próxima época agrícola.

No posto de recolha de pasto de S. Jorge dos Órgãos, fomos informados de que se recebeu até este momento duzentas toneladas de pasto e de palha oriundas da propriedade estatal e de alguns proprietários privados. O pasto recebido foi acondicionado pelo método das medas retangulares, com 12x6 metros de área e 3 metros de altura.

Neste posto, bem como nos outros por nós visitados, este ano não foram atribuídos salários aos jornaleiros

que fizeram a recolha de pasto nas propriedades estatais, tendo-se optado por se lhes atribuir um valor por unidade (oitenta centavos por quilo ou litro) do produto entregue.

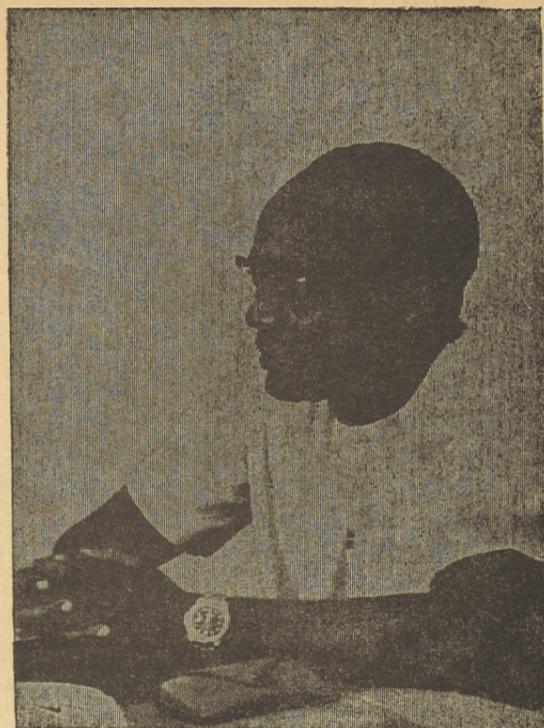
Em Novembro foi iniciado, neste posto, o trabalho de «afinação» do pasto recolhido (estender ao sol para secar a palha ainda verde) e no dia 9 do corrente começou-se a trabalhar na formação das medas.

O pasto agora recolhido em S. Jorge dos Órgãos vai servir para alimentar o gado dessa propriedade estatal, a qual têm um grande número de cabeças de gado bovino, principalmente vacas leiteiras. Dos cavalos antigamente aí existentes, só restam dois.

S. DOMINGOS: UMA MÉDIA DIÁRIA DE CEM QUILOS POR PESSOA

Em S. Domingo, no concelho da Praia, foi recolhido pela Empresa Estatal Agro-pecuária de S. Domingos quinze toneladas de pasto, que já foi enviado para o Parque de Gado da Variante. Os agricultores recolheram uma média de cem quilos diários de pasto, o qual era transportado semanalmente para o parque da Variante.

No Parque de Gado da Variante existem já três grandes medidas de dez metros por seis, com dois metros e meio de altura, estando ainda em construção uma outra com a mesma dimensão, o que atesta bem que a campanha de recolha de pastos lançada pelo MDR foi bem aceite pelos agricultores em geral.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VII. O OITAVO ANO DA LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (*)

2. A ACÇÃO MILITAR DOS COLONIALISTAS PORTUGUESES.

APRECIACÃO DOS SEUS BALANÇOS

Em Cabo Verde, o inimigo reforçou a repressão contra os patriotas, cometeu crimes contra trabalhadores revoltados em Santo Antão, tortura compatriotas presos injustamente e prepara-se para afogar em sangue as aspirações legítimas do povo das ilhas à independência.

Quase paralisados e submetidos aos nossos ataques durante a estação das chuvas, os colonialistas intensificaram a sua acção criminosa de bombardeamentos na estação seca. Nós fazemos-lhe frente e vibramos-lhe golpes ainda mais duros.

3. A NOSSA ACÇÃO

No plano interno

A reunião alargada do Bureau Político do Partido, que teve lugar de 12 a 15 de Abril de 1970, tomou decisões importantes respeitantes ao desenvolvimento da nossa acção nos planos político, administrativo, militar e de reconstrução nacional.

De acordo com as novas exigências da luta e das múltiplas actividades da nossa organização — cujo papel é cada dia mais o da direcção de um Estado do qual parte do território estar ocupado por tropas estrangeiras — decidiu-se proceder a uma nova estruturação dos órgãos de direcção do Partido e da luta. Criaram-se um Conselho Superior da Luta (CSL) e um Comité Executivo da Luta (CEL). Os Comités Inter-Regionais foram substituídos por Comités Nacionais das Regiões Libertadas (CNRL); os quais encabeçam a actividade dos Comités Regionais. As funções dos responsáveis da Reconstrução Nacional foram mais claramente definidas, tendo a produção sido ligada ao domínio da acção política. A organização e a acção dos Serviços de Segurança foram reforçadas.

No campo da luta armada, definiram-se novas frentes, correspondendo a cada uma um Corpo do Exército Regular. As forças de auto-defesa (milícias, população e militantes armados) reorganizaram-se no quadro das Forças Armadas Locais (FAL).

S. Filipe:

Uma cidade humana

S. Filipe foi o primitivo nome da ilha de Fogo, descoberto no dia do Santo Padroeiro, o 1.º de Maio de 1460. A actual ilha do Fogo, assim foi denominada até 1675, ano de uma formidável erupção do vulcão, em que grandes pedras ardentes se abateram sobre a ilha e as lavas destruidoras penetraram pelo mar. S. Filipe é hoje o nome da cidadezinha capital, um espaço maravilhoso de habitação com belos conjuntos arquitectónicos equilibrados jardins e recintos verdes, que por toda a parte possibilitam um horizonte com a dimensão do homem.

Para trás, a grande encosta até Serra (a borda da antiga cratera) num horizonte manchado de milhares de árvores, salpicando de verde a paisagem. Em frente, num enquadramento a toda a largura, o mar imenso e azul. Ao fundo, à direita, em espectáculo nítido ou, em dias de ne-

voeiro ou neblina, em silhueta difusa ou vagas luzes na noite, a Ilha Brava.

Toda a cidade é um espaço humanizado. Cada recanto é uma surpresa de verde-brancos à sombra de grandes árvores, jardins de repouso, recintos de relva cuidada e belas plantas, miradouros bucólicos sobre o mar.

O horizonte arquitectónico é marcado por um equilíbrio de formas, um toque airoso de linhas, sobrados repousantes em ritmo de sesta, cornucópias de glicínias sobre os umbrais.

Determinações responsáveis foram tomadas pelas autoridades para que o património arquitectónico da cidade de S. Filipe não seja manchado por monstros de betão armado ou remendos desvirtuantes da «civilização» eficiente e tecnocrata.

S. Filipe é uma cidade limpa e saudável. Nem

uma cabeça de gado suíno ou caprino se vê a deambular. Em S. Filipe, não há «doença na rua», porque não há «porcos na rua». Mais de cem cabeças de gado suíno habitam o prisco colectivo, mandado construir pelo Secretário Administrativo, que desenvolve uma ampla iniciativa nos mais diversos campos de actividade. Com pouco mais de 700 contos oferecidos pelo imposto de Desenvolvimento local, colocou já próximas do acabamento diversas residências para funcionários, sentinelas, fontenários e, em breve, começará a construção do mercado.

Há água todo o dia. Novecentos metros cúbicos são bombados hora a hora da Praia Ladrão através de quatro estações até à altura de 600 metros, e abastecem dia e noite a cidade, contemplada em 1970 com uma central eléctrica, que até às 11 horas, meia noite, diariamente, ilumina o serão até o deitar.

Em S. Filipe pratica-se o desporto. Já se joga no polivalente, construído pelo Secretário Administrativo sem financiamento ou dotações do Poder Central. Ao recinto amplo e polivalente, com grandes bancadas, virão juntar-se futuramente blocos de apoio para receber desportistas.

Durante dois anos foi o Botafogo Campeão de Sotavento a evidenciar a grande atenção e interesse dedicado no Fogo em Particular ao futebol (Vulcânico, Juventude, Académico, Mosteiros, etc.), mas também ao volei, ao futebol de salão, e em breve, ao basquete e ao andebol.

É mais uma nota de carácter animado e vivo das gentes de S. Filipe e do Fogo, que em tantas noites dançam com calor as mornas suspiradas pelos violinos, sonham com os poemas do tempo dos avós ou rodopiam electrizados pelo som violento dos «Jack Boy»...

Um desenvolvimento nas mãos de um povo

Após 16 anos de independência nacional, a Argélia conquistou, no mundo árabe e no Terceiro Mundo em geral, um lugar de destaque entre as nações do mundo. No decorrer destes anos da sua reconstrução, a Revolução Argelina — forjada numa dura luta armada de libertação contra o jugo colonial francês — desenvolveu-se mais em três principais sectores da vida do país: a consolidação de uma política mineira corajosa, a retomada das riquezas nacionais em hidrocarbonetos (que, num decénio, transformou o país numa potência) e a Reforma Agrária, a partir de 1971.

Coroando estas infra-estruturas prioritárias e concluindo a construção do Estado, destacam-se as instituições criadas depois de 1976: a Constituição, a Carta Nacional e a Assembleia Nacional Popular. O socialismo, baseado na transformação da vida das massas e a valorização da sua identidade cultural, e o islamismo, são a base ideológica da política da Nação.

A situação que atravessa actualmente o país, devido ao falecimento do Presidente Houari Boumediene, é trágica para uma nação em desenvolvimento, mas não constitui um motivo de desespero para um povo ideologicamente amadurecido e consciente de que o processo revolucionário não pára com o desaparecimento de um líder. Convém lembrar que o objectivo definido pela Revolução argelina, depois do reajustamento ocorrido em 19 de Junho de 1965, é a edificação de um Estado capaz de sobreviver aos acontecimentos e aos homens.

No plano interno, a Revolução argelina foi capaz de inscrever no seu activo, realizações que ficarão na história como orgulho do país, do seu povo e dos seus dirigentes.

As revoluções empreendidas nos domínios agrário, industrial e cultural, a gestão socialista das empresas, os programas de equilíbrio regional, a medicina gratuita, o serviço nacional e outras realizações, colocaram a Argélia na via do progresso e do desenvolvimento, ao mesmo tempo que permitiram as massas populares, através do Partido — Frente de Libertação Nacional — dos seus organismos de base, das suas forças essenciais e das suas assembleias a todos os níveis, decidir elas mesmas do seu destino, ultrapassando, graças à revolução socialista, o ponto do não-retorno.

Do mesmo modo, a Revolução argelina conseguiu conduzir uma política externa conforme às suas opções fundamentais e às suas tradições seculares para a defesa das causas da liberdade e de independência, opondo-se ao imperialismo e ao colonialismo, lutando por uma justa divisão das riquezas.

Não é por acaso que a Revolução argelina se empunhou totalmente no quadro da comunidade dos Não-Alinhados e do Terceiro Mundo, no combate a favor de uma nova ordem económica mundial, sem no entanto descurar um só instante dos seus deveres para com a causa da libertação no mundo árabe, em África, na Ásia e na América Latina.

As instituições do Estado argelino forjaram-se a todos os níveis no rasto das grandes batalhas para restituir ao homem a sua liberdade e libertá-lo da exploração. Elas concretizaram-se no âmbito de um processo de conclusão das instituições constitucionais, consolidando e reforçando a legitimidade revolucionária, cuja força resulta da vontade do povo e do seu apoio.

A Carta Nacional, resultado de um grande debate popular sem precedentes, permanecerá a base fundamental das orientações e da linha política que define a fronteira entre os partidários da Revolução e os seus inimigos.

A REVOLUÇÃO TRIUNFOU NO CAMPO

A revolução agrária introduziu-se eficazmente no campo das novas relações de produção entre os produtores e entre a terra e aqueles que a trabalham. A criação de estruturas de um conjunto articulado em torno das cooperativas de produção, das cooperativas de serviços e de comercialização e das aldeias socialistas, com suas inevitáveis hesitações e erros, está actualmente terminada com êxito.

Quem conheça como era a vida rural na Argélia de há dez anos e percorra os campos, certificar-se-á da evolu-

ção ali ocorrida, numa luta contra o deserto e contra a exploração. Durante os 132 anos de ocupação francesa, o povo fora empurrado para o deserto, sob vários pretextos. Fora despojado das melhores terras por simples expropriação do exército colonial e como castigo que se seguia a cada uma das numerosas insurreições que enchem a história deste povo.

Mas a colonização tirou à sociedade argelina, essencialmente à camponesa, algo mais que a terra, porque a despojou da sua cultura e da sua própria maneira de ser, da sua personalidade, chegando ao extremo de proibir-se o uso do seu próprio idioma (o árabe), o qual, depois de século e meio começou a ser estu-

abandonados e dois milhões e cem mil das comunidades religiosas e particulares.

Nos primeiros anos da República Argelina Democrática e Popular, um terço desses vinte milhões e novecentos mil hectares (a sua área mais rica e na sua maior parte abandonada pelos colonos que tinham fugido receosos da justiça popular) começou a ser explorado em regime de autogestão, mantendo assim mais de um milhão de pessoas.

Entre eles, contava-se um sector privado heterogéneo, regido por múltiplos estatutos (bens individuais, religiosos ou de colectividade diversa) repartidos de forma desigual, em que as grandes empresas ocupavam um lugar impor-

do rural e, a 8 de Novembro de 1971, adoptou a Carta da Reforma Agrária, que estipulava o controle dos títulos de propriedade, do lugar de residência dos proprietários e organizações de um censo das terras.

TRÊS ETAPAS DE UM ITINERÁRIO

Quatro meses depois, deu-se o início da primeira fase da reforma, cuja aplicação permitiu atribuir 617.867 hectares a 43.784 trabalhadores, distribuídos em quatro tipos de organização entre as quais se destacam a cooperativa cuja adesão é voluntária.

Nesse momento, foram organizadas quatro tipos de coo-

meiros sectores da nascente Reforma Agrária.

Na continuação, 11.580 cooperativistas integraram mais de 700 unidades de produção e tempos depois foram criadas outras 1.349, com cerca de 25 mil membros.

O critério que orientou a escolha dos trabalhadores foi a sua aptidão física para o trabalho e a falta ou a pobreza da terra. Tiveram prioridade os camponeses que já trabalhavam a terra em cada um dos lugares antes de nacionalizados, os que tinham combatido na guerra de libertação, os órfãos dos mártires e os jovens das famílias mais numerosas.

Foi também Boumediene quem inaugurou, em 1973, a segunda fase da Revolução Agrária, que consistiu na expropriação das terras cujos proprietários as não trabalhavam directamente e que as haviam obtido após a limitação dos latifúndios.

Mais de 250 mil hectares foram distribuídos após aquela operação entre uns 20 mil camponeses.

Finalmente, em Janeiro de 1975 começou a terceira etapa, destinada a dar uma viragem definitiva nas estruturas arcaicas do mundo agrícola e pecuário, com o resgate e revalorização de doze milhões de hectares nas mesetas das estepes e no Atlas sahariano.

Uma barreira verde, formada por pinheiros, eucaliptos e árvores frutíferas, com vinte quilómetros de largura e mil quatrocentos de comprimento, começou a ser semeada há

trinta meses, desde a ra com Marrocos até com Tunis, o que deter a desertificação do os especialistas, criará uma vasta regoleta que permitirá o cimento de novas g combater o êxodo r

POVOAÇÕES AGRÍCOLAS

Uma das obras mais caras da política de criação de uma nova sociedade socialista, iniciou em 25 de J 1972, um mês depois cada a primeira fase volução Agrária, com guração dos trabal construção do prime mil modernos povoac colas (aldeias social

Na abertura de um rio de especialistas gados de planificar Boumediene disse: A ção de mil povoados listas, que serão o n promoção sócio-cult campo, concretizará o pios de justiça e de i entre todos os cidadã minará para sempre rentes formas de expl

Cada povoado pos escola, uma policlíni mácia, mercado, tal cearia, correio, livra dim infantil, campos tivos, clube social, célula do Partido, e d tude, e uma mesquita

Além dessas mil pov agrícolas, o Estado em várias regiões d



A Juventude argelina, vivendo novos ensinamentos, está sempre presente nos actos públicos para reforçar a luta do seu povo

dado na escola e na universidade, num esforço colectivo de recuperar o património cultural autóctone.

APÓS A INDEPENDÊNCIA PREOCUPAÇÃO PARA O CAMPONÊS

A partir da independência nacional, em 1962, a vida do camponês, o seu artesanato indistritível, passou a constituir uma das maiores preocupações do poder revolucionário. No alvor do triunfo, o panorama do campo argelino representava um «abanico» aberto em cinco milhões de hectares chamadas «franceses», cinco milhões e duzentos mil considerados patrimoniais, quatro milhões e duzentos mil comunais, quatro milhões e quatrocentos mil

tante e produziam em maior volume de rendas sem benefício algum para a terra.

Nesse período, mais de cinquenta por cento dos agricultores só tinha dois por cento das terras privadas, enquanto que três por cento dos grandes proprietários possui, entre si, mais de 25 por cento da superfície cultivável.

Até esse momento, a situação agropecuária caracterizava-se por um dualismo, coexistindo um sector moderno, constituído por cooperativas de autogestão e dos antigos combatentes, que ocupavam as terras abandonadas, e um sector tradicional que expressava, com a maior cruza, a herança de atraso e de miséria deixada pelo colonialismo.

Ante a gravidade dessa situação, o Governo decidiu então dar prioridade à uma acção de transformação do mun-

perativas: um subvencionado, outro de revalorização e resgate das terras ermas, abandonadas aos pedregais e aos montes secos, um terceiro de serviço, chamado polivalente, encarregado especialmente da manutenção da máquina e da infra-estrutura e, o último da comercialização de frutas e legumes, cuja meta é a eliminação dos intermediários.

Em Junho desse mesmo ano, o Presidente Houari Boumediene inaugurou 258 agrupamentos de revalorização das terras, que reuniram seis mil seiscentos camponeses, numa superfície de 60 mil hectares.

Mil cento e vinte agricultores individuais encarregaram-se de uma área de cinco mil seicentos e sessenta e nove hectares, o que constituiu um segundo passo que permitiu estabelecer os dois pri-

O objectivo

A análise da luta do povo da África Austral, em particular moçambicano, Samora Machel, durante uma conferência a ser tema no nosso jornal. Nas duas primeiras partes, a análise extensiva sobre o dilema que mais uma vez vado pela «contradição entre as suas alianças tácticas e intensificar a hegemonia política e económica na região regionalização e divisão das forças de oposição internas

Nesta terceira parte do tema, destacam-se outros aspectos do acordo interno, a traição dos três fantoches a aos quais ele chama de «black ministers», o fracasso de mora Machel reafirma o total apoio dos países da Linha

E hoje claro que os governos britânico e norte-americano pouco ou nada fazem para de desencorajar as manobras de Smith que anulam as suas propostas de forma tão evidente. Nos próprios discursos públicos dos seus dirigentes a Grã-Bretanha encoraja Smith a prosseguir as suas manobras.

Hoje, são os próprios anglo-americanos que nos vêm dizer que a iniciativa de Smith tem aspectos positivos!

Já haviam sido os anglo-americanos quem tentara fomentar a intriga e o choque e opiniões no nosso seio, dizendo que o Acordo interno era um passo na direcção correcta. Contudo nunca mencionaram quais os aspectos positivos que essa solução conteria.

Hoje, como ontem, o imperialismo é consequente na sua estratégia, a estratégia que utilizou na história recente do Zimbábue e em particular na fase que se abre a partir de 1974. Hoje, como ontem a preocupação fundamen-

tal do imperialismo os países que apoiam a tação dos povos d Austral é eliminar mento de Libertação.

A HISTÓRIA DUMA T

O bispo Abel Muzora escolhido pelos d nacionalistas na pri conduzir a campanha as propostas de Smith que a Comissão Pea meteu ao Povo do Z em 1971/72. O ANC direcção do bispo, c na realidade mobiliza vo e frustrar este plan perialismo.

Contuoo, uma vez da a missão que lhe búfda, o ANC não s veu e, na prática, t um partido político de terem sido banid os partidos e presos dirigentes, o regime a continuação da a de Muzorewa. O A declarações do seu toma posição contra a

ia socialista

ado no rasto das batalhas e decidido a vencer

grupos habitacionais para albergar a outras 21.704 famílias camponesas que são constituídas por «safreiros» ou assalariados não cooperativizados.

Por sua vez, a população rural, que segundo se estima oscila em nove milhões de pessoas, num total de 18 mi-

colas, da vida errante para uma estância aprazível, com acesso à educação e ao estudo científico, do curandeiro ao médico, do camelo para a ambulância e o avião, dos labores mais humilhantes, que lhes eram reservados pelos colonialistas, ao trabalho nas indústrias de alta tecnologia.

tudo, uma identidade cultural.

«Somos filhos de uma Revolução que triunfou pela força das armas. Pertencemos à geração que conheceu o colonialismo, a repressão, a tortura, a expatriação e a fome mas que nunca abandonou a luta e continuou a proclamar que somos árabes e muçulmanos que a Argélia permanecerá uma terra árabe e muçulmana. É essa a nossa História e é por esse motivo que a evocamos» — definia assim, a 25 de Março de 78, o Presidente Houari Boumediene, a ideologia política-religiosa do seu país.

Ser árabe e muçulmano foi, com efeito, a convergência que identificou e uniu o povo argelino durante os 130 anos de colonialismo francês. Bastará referir, para uma melhor compreensão do fenómeno, que a língua árabe era proibida nas escolas instituídas pelas autoridades coloniais, levando muitos argelinos a resistirem à essa colonização cultural através da leitura do Al-Corão.

É neste contexto que convém lembrar um pouco da História da Argélia, país cujo povoamento original era composto de berberes e que conheceu, a partir da Antiguidade, as dominações sucessivas de povos cujo poder político estava geograficamente centrado no Mediterrâneo: fenícios, cartagineses, vândalos, bizantinos, árabes (século VII), turcos e, finalmente, os franceses. O acontecimento mais importante para o país, foi, do século VII ao XI, a chegada dos conquistadores árabes que

deram à Argélia a sua cultura islâmica, tendo as populações berberes sido, na sua maioria, rapidamente arabizadas e islamizadas.

Durante o período colonial, curiosamente, o árabe teve a sua importância como língua e a religião como expressão de cultura própria. Os valores islâmicos desempenharam um papel decisivo durante a guerra de libertação, constituindo uma autêntica força motriz de luta pela independência. Daí que, para os dirigentes argelinos se considera fundamental adaptar a ideologia socialista aos hábitos, cultura e tradições do povo, sendo a própria religião muçulmana protegida e encorajada pela Frente Nacional de Libertação, o partido único. Por cada aldeia socialista implantada construiu-se uma mesquita.

UMA LINGUAGEM QUE NÃO COLIDA COM AS CRENÇAS POPULARES

Adaptar o socialismo às tradições profundamente enraizadas no povo, para não o chocar e dividir, constitui, pois, uma tarefa prioritária da «revolução cultural» que as autoridades argelinas visam empreender. A par dos problemas que inevitavelmente a islamização coloca, há a registar, igualmente, determinadas características positivas que a cultura árabe e muçulmana encerra, permitindo uma maior abertura do povo à via socialista que o actual regime assegura.

Assim, uma das principais preocupações dos dirigentes da F.L.N. tem sido, no âmbito deste esforço de consciencialização, não utilizar palavras de ordem ou conceitos que seriam incompreensíveis para a maioria dos argelinos, tentando, pelo contrário, construir uma linguagem própria que não colida frontalmente com crenças e costumes populares.

Para conseguir, por exemplo, que alguns pais enviem seus filhos para as escolas e universidades, diz-lhes que Alá não gosta de pessoas ignorantes, mas sim de quem tenha estudado e de quem tenha a justiça social. Procura-se, assim, contrariar aquilo que sucede em muitos outros países muçulmanos (e católicos, poderíamos acrescentar), onde se diz ao povo que aceite, com resignação, a diferença entre ricos e pobres, entre privilegiados e desfavorecidos, pela promessa de uma recompensa no Paraíso Celeste. Existe na Argélia, um Ministério dos Assuntos Religiosos que se destina apenas a assegurar a sobrevivência material e financeira das mesquitas e do respectivo clero.

A par de alguns aspectos positivos da tradição religiosa, muitos factores existem que pelo menos aparentemente que atrasam a evolução em ritmo acelerado. Constitui já uma importante conquista o facto de muitas mulheres fazerem parte nos trabalhos da função pública e

nas fábricas. Na fábrica de têxteis de Constanina, por exemplo, trabalham 150 mulheres em 930 trabalhadores (auferindo salário igual aos homens para o mesmo tipo de trabalho). Na mesma cidade, 20 por cento dos estudantes do ensino superior são do sexo feminino (há seis anos, em dois mil estudantes, havia 130 raparigas) e prevê-se, à escala nacional, para os próximos anos, que 40 por cento dos estudantes universitários sejam mulheres.

Definidos os motivos que levam à aplicação deste modelo de socialismo argelino baseado numa constante arabização das medidas a aplicar, há a registar, igualmente, como factor que se reveste de especial importância, as profundas ligações deste país com o resto do continente africano. Sentindo-se geograficamente integrados na África os argelinos procuram, com renovado empenho, as raízes que foram cortadas pelo colonialismo francês, o que se verifica quer através do constante e aprofundado da cultura africana, quer através dos seus apelos à unidade dos povos africanos, da sua solidariedade activa com os movimentos de libertação e os regimes progressistas do continente e da sua intransigência perante todas as intervenções estrangeiras que se proponham consolidar poderes corruptos e impopulares na região.



Os camponeses ignoraram as ameaças da seca e melhoraram seu nível de vida plantando

lhões, exige melhorias sociais e uma modernização da produção para satisfazer as necessidades alimentícias, dado que a sua estrutura de consumo evoluciona também com o progresso da industrialização nacional.

Em quinze anos, saltou-se das comunidades étnicas para as modernas povoações agrí-

UM SOCIALISMO ISLAMIZADO

Na Argélia a aplicação na prática das ideias do socialismo revolucionário é indissociável do conceito religioso do islamismo. O islamismo representa, para si, não apenas uma religião mas, sobre-

Problemas da Africa Austral vistos por Samora Machel (3)

imperialismo é travar o desenvolvimento dos países Progressistas

mbabwé, feita pelo Presidente em Maputo, contra o Estado moçambicano falismo internacional, mar-estratégico de preservar o lado, as tentativas de

obra imperialista na acei- dos no Governo racista, medida e, finalmente, Sa- ta do povo em luta.

mada. É esta a primeira manifestação da contradição entre Muzorewa e a luta de libertação nacional. É este o primeiro sinal de um processo que visa fazer de Muzorewa uma personalidade com audiência internacional, alternativa à luta de libertação. Quando, mais tarde, participa nas várias manobras divisionistas e, finalmente, assina o «acordo interno», Muzorewa não faz mais do que fechar o círculo da sua traição.

O reverendo Ndabaningi Sithole, também membro do Conselho Executivo saído do «acordo interno», foi um dos fundadores e presidente da ZANU. Em 1964 é preso com os outros dirigentes e o seu partido banido preconizar a via da luta armada. Na prisão, Sithole compromete-se directamente com Derek Robinson, chefe da polícia de segurança rodesiana. Com o objectivo de ser libertado mais cedo, Sithole condena publicamente a via da luta armada e os combatentes que lutam e morrem em nome do partido

de que ele é presidente. Esta traição de Sithole é o início duma trajectória que o levou, após a libertação, a manobras constantes para destruir a ZANU e, finalmente, à aliança com Smith.

James Chikerema é o «black minister» da Energia, Minas e Obras Públicas do regime. Após intensa actividade política em organizações juvenis nacionalistas, ele junta-se à ZAPU onde ocupa o cargo de presidente em exercício e representante de Joshua Nkomo que se encontra preso.

As suas tendências regionalistas e a ambição do poder tornando facilmente manobrável pelo inimigo. Inicia uma acção divisionista sistemática para destruir a ZAPU. Culmina ZANU e, finalmente, à aliança com Smith.

Culmina esta acção desertando do partido que desorganizara e dividira para criar a FROLIZI. Nos últimos anos, junta-se ao ANC de Muzorewa. Ao lado do bispo e com o Acordo Interno completa-se o processo da sua traição.

Entre todos, Muzorewa, Sithole e Chikerema são os mais conhecidos traidores. Com eles estão Nyandoro, Gabela, Maudaza, Malindi e outros. A acção de aliciamento e descrédito de nacionalistas prossegue. Para isso o regime utiliza os mais diversos agentes, chefes religiosos,

chefes tribais, homens de negócios, simples cidadãos e colaboradores directos de Smith como Derek Robinson, Ndiweni e Chirau.

Derek Robinson, o recrutador de Sithole na prisão, é o chefe da polícia de segurança do regime.

Ndiweni, promovido a chefe tribal quando exercia funções de agente da polícia, foi ministro no governo da Frente Rodesiana. Chirau, promovido a chefe tribal quando exercia funções de guarda prisional, foi deputado e ministro da Frente Rodesiana.

Estes dois chefes tribais, por ordem de Smith, fundaram em fins de 1976 a ZUPO, na realidade uma subsecção da Frente Rodesiana. Trata-se de uma grosseira tentativa de organizar mais uma força de oposição à influência da Frente Patriótica no seio da população do Zimbabwé. No seio da população negra, a ZUPO actua como deportamento da polícia de segurança do regime.

AS CREDENCIAIS DE SMITH

São assim os colaboradores que Smith usa para recrutar agentes e renegados no nosso seio. São assim os lacaios que se atrevem a vir falar em nome do Povo e se pretendem apresentar como defensores da paz e liberdade no Zimbabwé. São assim os traidores a quem o impe-

rialismo quer atribuir a estatura de homens dignos, capazes, e animados de boa vontade para um acordo sólido com a Frente Patriótica.

Quanto a Smith, as suas credenciais são bem conhecidas em Nyazonia, Chimoio, Tembué, conhecem-nos bem as populações fronteiriças do Botswana, Moçambique e Zâmbia, zimbabwéanos nos campos de concentração, as viúvas e os órfãos dos mártires diariamente enforcados.

É Smith que cinicamente fala em nome do Povo. É Smith que cinicamente vem junto de nós passar certificados de incapacidade a Muzorewa e Sithole. É Smith que nós insulta ao pensar que pode encontrar no nosso seio o herdeiro do seu regime. É Smith que, com o maior desprezo pela ONU e OUA, pela Comunidade Internacional que apenas reconhece a Frente Patriótica, arrogantemente pretende falar com um único indivíduo. É Smith que, chefe do exército bárbaro dos mercenários estrangeiros, se pretende apresentar perante nós como o defensor da unidade e da paz, o garante da estabilidade e de ordem, o interlocutor razoável que procura o diálogo. É este Smith que tenta com que sejam a Frente Patriótica e os Países da Linha da Frente a legitimar o seu regime racista, rebelde e ilegal, aceitando-o como interlocutor.

Analizando os sucessivos

projectos de solução interna da questão do Zimbabwé e a política de aliciamento de antigos dirigentes nacionalistas, é possível compreender os grandes objectivos do mais recente plano de que Smith é porta-voz.

Ao tentar recrutar Nkomo, o imperialismo visa fundamentalmente provocar o fim da luta armada popular, esvaziar a luta de libertação do seu conteúdo verdadeiro. Para isto e coincidindo com a eventual liquidação política de Nkomo, pretenderia criar a divisão da Frente Patriótica, lançar a confusão no seio do Povo e desvirtuar a definição correcta do inimigo.

Ao tentar recrutar Nkomo para o governo de Smith, o imperialismo pretende integrar a ZAPU e receber o seu exército, na perspectiva formulada por David Owen segundo a qual os que são crianças voltam para as escolas, os trabalhadores voltam para as minas, os camponeses voltam para os campos. Na realidade, isto significa desactivar o exército do Povo, desmobilizando os combatentes, os camponeses, operários e jovens, e manter o exército de Smith.

A ESTRATÉGIA DA CALÚNIA

O imperialismo, com a divisão da Frente Patriótica, pretende também isolar Ro-

bert Mugabe e apresentá-lo perante a opinião pública como o intransigente, o racista, o extremista, o rebelde. Ao eliminar a Frente Patriótica, ao travar o processo de luta de libertação, o imperialismo garantiria as condições para preservar, no essencial, as estruturas políticas e económicas do capitalismo colonial. No plano internacional, o imperialismo tem por objectivo fomentar contradições entre os Países da Linha da Frente e lançar a confusão no seio da OUA, para eliminar este importante instrumento da causa da libertação da África.

Tentando aliciar Nkomo, o imperialismo quer fazer surgir a luta de libertação como uma guerra civil entre facções do movimento de libertação, confundindo a comunidade internacional e desmobilizando o seu apoio. Estariam criadas, assim, as condições para propor na ONU o levantamento das sanções económicas.

A manobra para o aliciamento de Nkomo visa o envolvimento directo do imperialismo na região. Ao desmobilizar a comunidade internacional, ao colocar no poder um governo fantoche e ao criar um estatuto de guerra civil para a luta de libertação, o imperialismo criaria o pretexto para intervir militarmente na zona e generalizar o conflito armado segundo a fórmula que aplicou já no Vietname e na Coreia, para citar apenas dois exemplos.

O "Crioulo" dos noticiários em crioulo gera polémica

● Uma carta do departamento de Informação da RDN

A carta que publicamos na coluna dos leitores da nossa edição de sábado passado, sobre O «crioulo» dos noticiários em crioulo, da autoria do nosso leitor e colaborador Mohamed Lamine, levantou uma questão que prendeu as atenções de muita gente, como o demonstra o número de cartas, manifestando opiniões concordantes ou discordantes, que temos recebido. A que publicamos hoje provém do Departamento de Informação da Radiodifusão Nacional. Proximamente, esperamos poder publicar outras cartas que nos foram enviadas por leitores sobre o mesmo assunto.

Antes de mais, queríamos agradecer a gentileza do camarada «Mohamed Lamine», em nos dirigir a sua crítica, o que demonstra todo o interesse desse nosso estimado ouvinte pelo nosso trabalho. Na realidade um dos grandes problemas com que nos temos debatido na nossa rádio, é a maneira mais ou menos passiva com que os ouvintes reagem aos programas. Isso tem sido um verdadeiro «handicap» ao desenvolvimento do nosso trabalho, pois é difícil fazer-se rádio sem se saber como é que os ouvintes encaram os programas, se gostam ou não desses programas, a que horas costumam ouvir a rádio, quais os temas que gostariam de ver abordados nas nossas emissões, etc. Sem isso é extremamente difícil definirmos uma linha de acção conducente à satisfação das necessidades de todos os ouvintes. Por isso incitamos os camaradas a seguirem o exemplo do nosso amigo «Lamine», enviando-nos sugestões e críticas, tomando uma parte activa na elaboração dos programas, dos comentários, editoriais, etc. pois só assim conseguiremos pôr a nossa RDN em sintonia com as mais profundas aspirações do nosso povo.

Por outro lado gostaríamos de dizer ao nosso estimado «Mohamed Lamine» que compreendemos a sua preocupação pela maneira como o crioulo é tratado na nossa rádio e de o ver algumas vezes barbaramente agredido por

certo do errado para melhorarmos o primeiro e corrigirmos o segundo.

Isso não nos impede de acharmos que a crítica do camarada «Mohamed Lamine» peca por ser um tanto exagerada. Na realidade pensamos que com um bocadinho de boa vontade não se poderá dizer que o crioulo que falamos nos nossos serviços noticiosos não é entendido pela nossa população. Aqui poderemos autocriticar-nos, talvez, por não nos termos dedicado mais ao estudo da problemática do crioulo com o objectivo de aí encontrar um instrumento que nos permitisse fixar e desenvolver o vocabulário que utilizamos. No entanto pensamos que temos a nosso favor a complexidade desse estudo, dos meios necessários para fazer e do tempo que exige, o que torna absolutamente necessário um organismo especializado como, por exemplo, criação do centro de linguística aplicada previsto no programa de acção cultural do nosso Comissariado. Somos obrigados a viver o drama quotidiano de (através de uma vintena de notícias cujos textos originais são em francês, o que implica a sua tradução para o português e do português para o crioulo, num lapso de tempo limitado) ter que veicular através das ondas sonoras palavras novas, cujo conteúdo se relaciona com realidades e conceitos também novos, e que ainda não se encontram no universo cultural e, consequentemente no léxico do nosso povo que criou o nosso rico crioulo, ou seja dos tios N'tonis, Djoquins e Pí-dros, a que o nosso bom «Lamine» se refere. Apesar de tudo isso não nos temos poupado a esforço para melhorarmos o nosso trabalho nesse aspecto, e se aparece ainda a «pápinha do português

misturado com o crioulo da praça», isso deve-se a dois factores:

Em primeiro lugar à complexidade do problema derivada essencialmente da inexistência (ou do não conhecimento da nossa parte) de dados científicos relativos à nossa língua veicular, do que resulta a nossa impossibilidade de estudar, pensar e expor determinados problemas técnicos e sócio-económicos em crioulo genuíno (o tal dos nossos tios atrás referidos), para daí tirar todas as implicações no tocante à comunicação social.

Em segundo lugar, ao facto de estarmos convictos de que o crioulo e o português estão condenados a coexistirem pela história e pelo próprio conceito de cultura e de desenvolvimento, definidos pelos organismos competentes. Dessa coexistência (pacífica ou conflituosa) das duas línguas, resulta um certo híbrido que implica necessariamente que, ao falarmos o crioulo injectamos determinadas palavras traduzindo conceitos que escapam ainda ao crioulo, o mesmo acontecendo, aliás, quando falamos o português (e isso é um fenómeno que se verifica muito depois da libertação total do país da presença colonial portuguesa) em que utilizamos certos termos do crioulo para darmos maior ênfase a determinadas frases. Portanto daí resulta uma certa aproximação entre o português e o crioulo tanto na fonologia como no léxico.

Quanto ao segundo aspecto da questão, queremos recordar aqui que o objectivo máximo que foi fixado à nossa Radiodifusão Nacional é o de contribuir de uma forma eficaz na formação do homem novo à luz dos princípios definidos pelo PAIGC,

Há pouco tempo, definíamos assim essa questão: formação de um cidadão mentalmente descolonizado e consciente dos seus direitos e deveres na comunidade dos homens. É claro que para que esse cidadão esteja consciente dos seus direitos e deveres, é necessário que lhe definamos primeiro os parâmetros que determinam a sua posição nessa comunidade, isto é, que o informemos objectivamente em todas as esferas de actividade, ajudando-o assim a tomar consciência dos efeitos e das causas dos fenómenos que se registam por esse mundo fora, e a definir a sua posição em relação a esses mesmos fenómenos. É claro que a maior ou menor facilidade no cumprimento dessa nossa obrigação como profissionais da informação, dependerá em última análise da capacidade de recepção do nosso auditório. Ora se nos lembrarmos do carácter heterogéneo desse auditório e do atraso secular em que o colonial-fascismo português o mergulhou, então surge-nos naturalmente a seguinte questão: Como informar esse auditório?

Certamente o nosso amigo

«Mohamed Lamine» concordará connosco se dissermos que os acontecimentos sociais, económicos e políticos da Europa, da América, da Ásia ou mesmo da África, se foram largamente comentados nas línguas nacionais para um auditório que não tenha ainda os conhecimentos geográficos ou históricos dos povos que vivem esses acontecimentos, não terão, para esse auditório nenhuma utilidade moral ou prática. Isso seria não só a informação pela informação mas ainda uma desorientação evidentemente nociva. É que se todos os acontecimentos podem ser

objectos de conhecimento, o interesse do conhecimento resulta da utilidade que possa eventualmente representar para o homem e para a sociedade. Assim os nossos serviços de radiodifusão estudada «os jornais falados» (a difusão de notícias) de uma maneira a interessar vivamente cada auditório específico. Isto é, orientamos a informação para diversos sectores da nossa sociedade em função da utilidade real que possa ter para os indivíduos integrados nesses sectores. Isso não quer dizer que deliberadamente vamos isolar uma parte do nosso povo, mas que vamos proporcionar-lhe o acesso ao conhecimento de uma maneira objectiva, clara e acessível, não por meio de pequenas notícias desordenadas, mas sim através de programas convenientemente elaborados em que a par da actualidade daremos uma panorâmica geral que permita situar o acontecimento no espaço e no tempo para uma melhor compreensão. É isso que temos tentado fazer, não talvez com aquela regularidade que seria o nosso desejo e, estamos convencidos disso, também do nosso amigo Mohamed Lamine. Mas, pouco a pouco lá chegaremos.

Para terminar gostaríamos de reafirmar a nossa gratidão ao camarada «Mohamed Lamine» por esta crítica, de lhe dizer que estamos conscientes das enormes lacunas que existem ainda no nosso trabalho e de, finalmente, lhe reiterar a nossa total disponibilidade em trabalharmos cada dia mais e melhor, para fazermos da nossa rádio um verdadeiro instrumento de combate e de progresso social ao serviço dos superiores interesses do nosso povo na linha definida pela força dirigente da nossa sociedade, o PAIGC.

Desporto

Bafatá - Benfica no jogo "quente" da 14.ª jornada

Com a 14.ª jornada, o nacional de futebol prosseguirá neste fim-de-semana. Após a contenda desta jornada, é possível que surjam novos comandantes da tabela classificativa e diversas surpresas se revelem nos jogos «anteriores».

«Antecipadamente ganhos». Em expectativa, quatro equipas: Bafatá, Balantas, Sporting e Benfica. Por outro lado, a Udib está a espera da sua vez e de um lugar cimeiro.

Assim, em Bissau serão realizados dois encontros: no sábado à noite, o Ajuda Sport terá como visitantes a equipa do Cantchungo. A jovem equipa do Ajuda conseguiu uma proeza na última jornada ao apertar o Benfica. No entanto, a do Cantchungo é a sensação neste campeonato. Daí a razão porque esperamos um jogo muito renhido. No domingo à tarde os pupilos de Bauer tem como adversário o Ténis Clube. Aliás, um Ténis que tem necessidade de conquistar pontos, embora o Sporting não nos pareça disposto a perder o comboio, e por isso fará tudo para ven-

cer. Só que a necessidade faz surpresa.

No interior do país, disputar-se-ão no domingo vários encontros. Em Bissorá, a equipa «caseira» receberá a do Gabú. Com o público a seu favor, os visitados são apontados como os mais fortes. A Udib tem uma difícil deslocação. Vai a Tite defrontar a

equipa local, o F. C. Quínara (Buba). A Udib que anda à procura de si própria e isto, aliado ao facto de jogar na casa do adversário faz com que a partida se torne difícil de prognosticar. Em Mansoa realiza-se um dos jogos «quentes» desta ronda. Os Balantas serão os anfitriões da forma-

ção de Bula. A equipa dos «Balantas» tem sido uma das melhores da presente época, mas se deve esquecer a tenacidade dos homens de Bula.

Atenção a Bafatá! Os olhos de três equipas estão ansiosamente apontados para lá. Duas equipas a quererem vencer o jogo. Uma (o Bafatá) não querará ceder o comando e o Benfica irá querer tapar a mancha da última jornada. Jogo difícil. No nacional anterior, o Benfica conseguiu passar aquele obstáculo, ganhando por 1-0. Em Farim, a equipa local defrontará a dos FARP. Ambas as formações tem os mesmos pontos. Na época passada, o Desp. Farim derrotou os farpenses por 3-0, na 1.ª mão. Por último, temos o Tombali e a Estrela Negra de Bolama. Os bolamenses tem equipa para fazer «dor de cabeça» ao donos da casa.

Negros na selecção inglesa

NEGROS NA SELECÇÃO INGLESA

Os filhos de imigrantes negros começam a ter o seu lugar na selecção inglesa. Um deles, Vivanderson (defesa do Nottingham Forest) estreou-se já na turma nacional jogando com a Checoslováquia (em Wembley) no passado mês de Novembro. Foi o primeiro a envregar a camisola côr-de-rosa.

O novo director técnico inglês, Ron Greenwood, esco-

lheu outro filho de imigrantes (Luther Blisset, do Watford) para a sua turma dos menos 21 anos, que defrontará o País de Gales. Por outro lado, Laurie Cunningham (do West Bromwich Albion) foi também convocado para a pré-selecção com vista ao jogo contando para o campeonato da Europa. Cunningham tem boas possibilidades de jogar na selecção, pois o titular do lugar (Peter Barnes, do Manchester City) está actualmente em má forma.

Andebolistas com diploma no bolso

Após permanência de 10 dias na República de Benin, regressou a Bissau uma delegação de andebolistas que se tinha deslocado àquele país afim de participar num seminário.

Este seminário que teve lugar em Porto Novo, contou com a presença de vários países da África, e o convite para a nossa participação foi dirigida ao CSD pela Confederação para o Desporto Africano, através do Comité Olímpico. O estágio, que decorreu de 20 a 30 do mês passado, foi dirigido por um suíço e um francês que davam aulas práticas e teóricas

no domínio de treinador e árbitro de andebol.

Para pôr em prática os conhecimentos adquiridos neste seminário, o camarada Zeca Lobato, chefe da delegação composta por dois elementos, disse que era necessário possuirmos materiais didácticos, como livros e bolas, que são indispensáveis para fazer qualquer tipo de trabalho neste domínio.

A nossa delegação, que chegou na passada quarta-feira, trouxe na sua bagagem um diploma de primeiro grau. Neste seminário, os estagiários receberam diplomas de 1.º, 2.º e 3.º graus.

Farmacias

HOJE — «Farmácia Central» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

AMANHÃ — «Central Farmedi N.º 2» — Bairro de Belém, telefone 3437.

SEGUNDA-FEIRA — «Farmácia Higiene» — Rua António N'Baná, telefone 2520.

Violação dos Direitos do Homem e colonização na Cisjordânia

JERUSALÉM (Palestina ocupada) 8 — O recolher obrigatório foi instaurado desde quarta-feira em Al-Amri, campo palestino situado à entrada de Ramalá, na Cisjordânia. Esta medida foi tomada na sequência de violentas manifestações populares anti-israelitas que há dias se vêm desenrolando na Palestina ocupada. Os

Jerusalém boicotaram as aulas. **TORTURA NOS TERRITÓRIOS OCUPADOS**

Os Direitos do Homem são violados nos territórios árabes ocupados pelo Estado racista de Israel, onde «certas garantias foram suspensas por razões de segurança», considera o Departamento de Estado

sações repetidas foram feitas nos territórios ocupados, nomeadamente na margem ocidental do Jordão e na faixa de Gaza, onde vivem 1,1 milhão de palestinianos, afirmando que as autoridades israelitas maltratam sistematicamente os suspeitos.

Por outro lado, continua a colonização dos territórios ára-



RAMALÁ: uma repressão permanente

manifestantes exigem o reconhecimento dos direitos legítimos do Povo árabe da Palestina à autodeterminação e à independência nacional.

As autoridades sionistas de ocupação fecharam todos os liceus e escolas de Ramalá, revistaram várias casas e prenderam muitos manifestantes. Em solidariedade com os jovens de Ramalá, os alunos de

americano, citado pelo jornal «New York Times».

O diário nova Iorque obteve esta informação do relatório do Departamento do Estado para o Congresso sobre os Direitos do Homem em Israel, que deverá ser publicado no fim desta semana, juntamente com outros relatórios respeitantes a vários países.

O relatório precisa que acu-

bes ocupados. A comissão interministerial israelita de Implantação decidiu na quarta-feira alargar os pontos de povoamento judeu de Gouch Etzion, perto de Hebron (Cisjordânia), construindo de uma nova cidade.

Numa primeira fase, unidades de alojamento serão construídos para acolher centenas de famílias de imigrantes americanos. — (FP)

Deng Xiaoping ameaça "punir" o Vietnam

TÓQUIO — O vice-primeiro ministro chinês Deng Xiaoping não exclui a possibilidade de uma intervenção militar da China no Vietnam, afirmando, nomeadamente, que este país «deve ser punido pela sua intervenção no Camboja».

Xiaoping falava em Tóquio, onde escalou pela segunda vez em menos de quatro meses, após uma visita de uma semana aos Estados Unidos. O dirigente chinês permaneceu, a seu pedido, durante três dias no Japão, regressando na quinta-feira ao seu país.

A China concentrou na fronteira com a República Socialista do Vietnam várias centenas de aviões de combate e mesmo a 18.ª divisão de Infantaria segundo a imprensa japonesa citando o departamento nipó-

nico da Defesa Nacional (DDN).

Entretanto o Japão, sublinhando ter decidido, de momento, suspender a ajuda que pretendia dar ao Vietnam, reiterou o seu desejo de ver os problemas no Camboja e na fronteira sino-vietnamita serem resolvidos de forma pacífica. Manifestando inquietação pelas evoluções recentes da situação na península indochinesa, o governo japonês espera que a situação se solucione pacificamente, constata-se nas declarações que o primeiro-ministro, Masayoshi Ohira, fez a Deng Xiaoping, durante as suas conversações na quarta-feira e reveladas no dia seguinte por Ideo Kagami, director-geral do serviço de Informação do ministério japonês dos Negócios Estrangeiros. — (FP)

China e Portugal trocam embaixadores

PEQUIM, 8 — Após quase dois anos de discussões, China e Portugal estabeleceram antontem relações diplomáticas. A troca de embaixadores far-se-á dentro de três meses.

A agência Nova China, que deu a notícia, precisou que um comunicado conjunto foi assinado a este respeito em Paris, pelos embaixadores dos dois países em França, respectivamente Han Kehua, pela China,

e António Coimbra Martins, por Portugal. Este comunicado não faz nenhuma referência ao estatuto de Macau, enclave colonial português da China meridional e possessão de Portugal há 400 anos.

A normalização das relações sino-portuguesas era esperada desde a queda do regime fascista em Portugal, em 1974. — (FP)

É isto o Apartheid!

MAPUTO — Depois de uma explosão que se verificou no petroleiro «Bulalo», no porto sul-africano de Durban, um marinheiro, E. Maletti, foi ferido e transportado para o hospital mais próximo, num estado bastante grave. Mas a direcção deste hospital proibiu aos médicos de prestar assistência ao marinheiro, sob o pretexto de que o hospital «é só para brancos». Conduzido para um hospital destinado a negros fora da cidade o marinheiro morreu no caminho, depois de ter perdido muito sangue. — (Tass)

Tunísia: comemorado o 23.º aniversário do massacre de Sakiet

TUNIS, 9 — A imprensa tunisina consagrou os seus editoriais de ontem à celebração do 21.º aniversário dos acontecimentos de Sakiet Sidi Youssef, localidade do centro-oeste tunisino que serviu de refúgio aos combatentes argelinos da FLN durante a guerra de libertação nacional da Argélia.

Invocando o direito de perseguição, a França lançou, a 8 de Fevereiro

de 1958, um ataque aéreo selvagem contra esta aldeia fronteiriça, massacrando centenas de inocentes.

«L'Action», órgão de expressão francesa do Partido Desturiano escreveu: «Para os países árabes e africanos, Sakiet mostrou que a vitória contra o colonialismo exige sacrifícios não só da parte dos povos em luta mas também dos seus vizinhos».

Para o jornal «As Sabah», os povos argelino e tunisino «não devem dormir à sombra das vitórias conseguidas no final de uma longa e dura luta comum pela independência e dignidade.

Argelinos e tunisinos devem travar actualmente, lado a lado, mão na mão, um mesmo combate para vencer o sub-desenvolvimento e construir o futuro». — (TAP).

Cheias mataram 1500 pessoas no Brasil

SÃO PAULO 9 — Mil e quinhentas pessoas morreram nas inundações no Brasil, indicou um balanço publicado ontem de manhã pelo jornal «Folha de São Paulo».

O jornal acrescentou que 700 pessoas são dadas por desaparecidas no Estado de Espírito Santo, o mais atingido pelas chuvas torrenciais que caem há um mês no centro-sul e no sudeste do Brasil. Mais de um milhão de pessoas ficaram sem casa, acrescentou o jornal.

Segundo os últimos balanços, 150 mil casas foram destruídas e danificadas, 250 cidades foram

inundadas, 150 pontes foram destruídas e 15 mil quilómetros de estradas estão inutilizáveis. Considera-se que serão necessários 714 milhões de dólares para uma reparação provisória das consequências das inundações.

Os últimos prognósticos dos meteorológicos indicam que as chuvas estão a diminuir em algumas regiões do país. As informações vindas das primeiras cidades atingidas pela cheia são encorajadoras. O nível de água diminuiu mas ainda não permite o regresso dos sinistrados. — (Tanjug).

Reunião da OUA em Nairobi



DAR-ES-SALAM, 8 — O Conselho de Ministros da Organização da Unidade Africana (OUA) reunir-se-á a 23 de Fevereiro em Nairobi, no Quênia, na sua 32.ª sessão ordi-

nária. A situação no sul de África estará no centro dos debates.

Além dos 49 Estados membros da OUA, foram convidados como observadores os representantes dos movimentos de libertação do Zimbábwe, da Namíbia e da África do Sul.

Serão também discutidos os problemas da cooperação económica e o orçamento para o corrente ano. — (ADN).

Erich Honecker em Moçambique

MAPUTO 9 — Erich Honecker, secretário-geral do PSUA e presidente do Conselho de Estado da República Democrática Alemã, visitará Moçambique de 22 a 24 do corrente, anunciou um comunicado oficial publicado na capital moçambicana.

O comunicado precisa que a visita do dirigente alemão servirá para reforçar os laços fraternais de amizade e de solidariedade que existem entre os dois países. — (FP)

ENCONTRO NETO-MOBUTU

KINSHASA, 9 — Os presidentes Agostinho Neto de Angola e Mobutu Sese Seko do Zaire avistaram-se na quinta-feira em Luanda, tendo discutido na altura questões bilaterais e o problema da África Austral. Mobutu regressou ontem a Kinshasa. — (FP)

EDUCAÇÃO NA ETIÓPIA

ADDIS ABEBA, 8 — Cerca de 300 mil jovens estudam nas escolas da capital etíope, mais 60 mil de que no ano passado, informou Tafesse Asfaw, chefe do departamento das Escolas. 40 novas escolas primárias e secundárias foram construídas em Addis-Abeba no ano passado. — (Tass)

AUTOESTRADA AFRICANA

BAMAKO, 9 — Os trabalhos da 23.ª reunião do Comité de Ligação Transafricana decorrem desde terça-feira na capital maliana. Os delegados dos cinco países membros (Argélia, Mali, Tunísia, Níger e Nigéria) debatem as modalidades de financiamento dos diferentes troços em construção.

COOPERAÇÃO COMERCIAL MADAGÁSCAR-SEYCHELES

ANTANANARIVO, 9 — No termo de uma visita de três dias ao Madagáscar, o ministro seichelense dos Negócios Estrangeiros e do Turismo, Guy Simon, regressou anteontem a Mache (capital das Seychelles). Simon declarou-se muito satisfeito com esta primeira visita, que permitirá intensificar brevemente a cooperação entre os dois países. — (FP)

ABDOULAY WADE VISITA O IRAQUE E O MÉXICO

DAKAR, 8 — Abdoulay Wade, secretário-geral do Partido Democrático Senegalês (oposição) visitará brevemente o Iraque e o México, indicou um comunicado do PDS. O texto precisou que no Iraque, Wade submeterá às autoridades um projecto da Agência Afro-Árabe de Desenvolvimento. A visita do PDS ao México responde a um convite do Partido Revolucionário Institucional. — (FP)

COMBATES NA NICARÁGUA

SAN JOSÉ, 8 — Combates encarnizados travam-se em San-Carlos, departamento do sul da Nicarágua, entre patriotas da Frente Sandinista de Libertação Nacional e as forças repressivas do ditador Anastasio Somoza. — (Tass)

AJUDA AO VIETNAM

HANOÍ, 9 — A Organização Mundial da Saúde (OMS) enviou para o Vietnam grande quantidade de medicamentos e de instrumentos médicos avaliados em 70 mil dólares, destinados à população das regiões inundadas do Vietnam.

REMODELAÇÃO MINISTERIAL NA SWAZILÂNDIA

MBABANE, 9 — o rei da Swazilândia anunciou uma importante remodelação governamental que conserva apenas três ministros nos seus postos precedentes. O rei nomeou recentemente o comandante do exército da Swazilândia, general Dlamini, Primeiro-Ministro. Por outro lado, pela primeira vez na história do país, um branco, o dr. V. Leibrandt, foi nomeado Ministro da Energia e das Comunicações. — (FP)

Estagnação da economia africana

— considera a Comissão Económica da ONU

NAIROBI — A economia africana não registou nenhum melhoramento no ano findo, em relação a 1977, que foi, também um ano de estagnação — considera um relatório da Comissão Económica das Nações Unidas para África, que fez um apanhado detalhado da situação da economia africana no ano passado. Todas as dificuldades herdadas deram resultados desastrosos, sublinhou o relatório.

Isso manifesta-se pela continuação da inflação, que vai até 30 por cento em alguns países, em relação a 1977, o

enorme aumento das dívidas externas e das importações dos países desenvolvidos. Por outro lado, os países africanos aumentaram consideravelmente a compra de equipamentos militares e de produtos alimentares. Tudo isso provocou um «bloqueio» do crescimento económico em todos os países africanos. Em alguns países, o crescimento estagnou, e noutros aumenta de forma insignificante, mas na maioria dos casos está a baixar.

A Comissão Económica da

ONU para África considera portanto que se devem tomar medidas enérgicas a fim de melhorar a economia africana de modo a não se comprometer gravemente «a estabilidade política, social e económica de todo o continente».

A África terá oportunidade de avaliar a sua perspectiva económica durante uma conferência ministerial da comissão económica prevista para fim de Março, em Rabat. A ordem do dia desta conferência refere a necessidade da África se apoiar nas suas pró-

prias forças, o reforço da cooperação económica no continente e a luta por uma nova ordem económica internacional.

Os ministros dos países africanos reunir-se-ão em Rabat depois da conferência ministerial do «Grupo dos 77». Os peritos económicos africanos consideram que a reunião do «Grupo dos 77» (países em vias de desenvolvimento) no centro turístico tanzaniano de Arusha poderia «ser decisivo para a actual situação económica africana». (Tanjug)

Acordo de cooperação Cabo Verde-Brasil

BRASIL 9 — O Brasil e a República de Cabo Verde assinaram um acordo de cooperação que prevê o «aproveitamento de todas as possibilidades para o reforço contínuo das relações entre os dois países, em particular no plano económico».

Prevê nomeadamente um aumento de trocas

comerciais, de intercâmbio tecnológico e o aumento dos investimentos comuns. É o terceiro acordo importante que o Brasil assina no quadro da sua política de cooperação com os países em vias de desenvolvimento e os países Não-Alinhados da África. — (Tanjug).

Irão: apoio popular ao governo provisório

(Continuação da 1.ª página)

no provisório presidido por Mehdi Bazargan. Centenas de soldados do exército, com fardas de combate kaki, tomaram parte no cortejo anti-governamental.

Uma resolução, adoptada no final da marcha popular, anunciou que todos os governos do mundo ficam avisados de que, doravante, o povo iraniano só respeitará os acordos e contratos aprovados pelo governo provisório do Irão. Os manifestantes pediram também «ao chefe, a todos os ministros do governo ilegal, a todos os deputados e senadores do parlamento ilegal» que não resistissem mais perante a vontade popular e que se demitissem imediatamente. A resolução convida ainda todos os empregados das instituições governamentais, públicas ou privadas, assim como as forças armadas, a obedecerem só ao governo provisório.

O chefe do governo provisório, Mehdi Bazargan, que era membro da direcção da Frente Nacional e é presidente do Comité Iraniano para a defesa das liberdades e dos direitos cívicos, apresentou ontem o programa de seis pontos do seu governo: outorga do poder do governo de Bakhtiar ao governo provisório, organização de um referendo sobre a questão da reestruturação estatal no Irão, reorganização da estrutura do poder no país, eleição para a assembleia constituinte, redacção da nova constituição e formação do novo governo.

O chefe do governo provisório pediu ao exército para se limitar à sua missão: a defesa das fronteiras iranianas.

nas bases aéreas de Khorasan, no nordeste do Irão (perto da fronteira soviética), teriam sido postos «a salvo», porque têm aperfeiçoamentos ainda secretos. O Irão tem cerca de 80 caças deste tipo.

Segundo o «Djavan», estes aviões foram enviados à Arábia Saudita há dez dias, na altura em que o espaço aéreo do Irão se encontrava «sob controle do exército». Nesta

dos seus ministros, e pediu a todos os funcionários, «bazaris» (pequenos comerciantes), operários, sindicalistas, responsáveis, directores e organizadores dos serviços privados e públicos para o ajudarem a restabelecer a pesada máquina da economia nacional, que está à beira da bancarrota.

Segundo a rádio iraniana, que se referiu ao seu discurso sem o transmitir, Bazargan, que devia anunciar ontem a composição do seu gabinete, adiou-o para mais tarde e agradeceu aos povos da França e de todo o mundo



O CASO DAS CAÇAS

Perante uma multidão avaliada em cerca de cem mil pessoas, Bazargan pediu igualmente ao exército para não intervir nos assuntos políticos. Lançando uma advertência aos que entre os generais iranianos «têm o sadismo ou aspiram à vingança ou ao massacre, à destruição, ou que esperam o regresso do xá», Bazargan disse: «Estejam seguros que o xá não voltará, e que não recuperareis o vosso poder e a vossa autoridade do passado. Se não mudardes, então vereis o ódio do povo e o sofrimento eterno».

A revista iraniana «Djavan» (progressista) escreveu antes ontem que caças ultra-modernos F-1 da força aérea iraniana foram transeferidos para Dahrán, na Arábia Saudita. Estes aviões, estacionados

nessa ocasião, todos os aeródromos do Irão estavam fechados.

Falando ainda durante a conferência de imprensa, Mehdi Bazargan prometeu, depois de ter sublinhado que a actual constituição proíbe toda a mudança no regime monárquico iraniano, «um referendo sob controle de observadores internacionais». Rendendo homenagem ao passado de «ardente patriota e de combatente» de Chapur Bakhtiar, Bazargan acrescentou num tom sarcástico que, infelizmente, o «meu querido Chapur está isolado do povo, do seu partido, da sua Frente Nacional e mesmo do xá».

Pediu ao Primeiro-Ministro para provar a sua boa vontade aceitando o veredicto do povo. Momentos antes, aconselharia o povo a não esperar milagres da sua parte nem da

pela «ajuda e apoio que têm dado à revolução iraniana».

Os observadores interpretam o adiamento da apresentação dos membros do governo provisório como indicio da vontade de Bazargan de evitar uma tensão que corre o risco de redundar numa prova de força aberta e até mesmo numa guerra civil.

A situação geral no Irão tende a agravar-se. Qualquer que seja o rumo dos acontecimentos, é evidente que actualmente o governo de Bakhtiar não pode correr o risco de ignorar a vontade das massas populares. Aliás, o Primeiro-Ministro declarou na quinta-feira que aceitava a realização de um referendo «na calma e na democracia», e que estava pronto a discutir com Bazargan, mas que não podia reconhecer a existência do governo provisório.

1.ª Conferência dos técnicos do CEDR em preparação

Realizou-se na passada terça-feira, a terceira reunião do Conselho Directivo do Comissariado de Estado do Desenvolvimento Rural, órgão criado no primeiro encontro de técnicos daquele Comissariado, decorrido de 23 a 27 de Novembro de 1978.

Nesta reunião, que decorreu sob a presidência do camarada Mário Cabral, Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural, aquele Conselho Directivo debruçou-se em especial sobre a preparação da primeira conferência dos técnicos e trabalhadores do CEDR,

que deverá ter lugar em Bissau nos princípios de Abril próximo.

Foram igualmente apresentados termos de referência para a elaboração de projectos de desenvolvimento regional que foram discutidos e aprovados.

Confirmada a vinda do Boavista a Bissau

Já está confirmada a vinda da equipa principal de futebol do Boavista, de Portugal, a Bissau, no próximo dia 21. Os boavisteiros, que deverão permanecer uma semana no nosso país, efectuarão, segundo o camarada Samba Lamine Mané, do Conselho Superior dos Desportos, três jogos: contra o Benfica, o misto do norte e o misto de Bissau.

Esta primeira visita da equipa portuguesa ao nosso país depois da independência, insere-se no quadro do acordo de intercâmbio desportivo assinado entre o nosso governo e o governo português. A iniciativa partiu do presidente do clube português, que contactou pessoalmente o presidente da Federação Nacional, aquando da sua vinda o ano passado a Bissau, e posteriormente através de telegramas,

nos quais manifestara o interesse do seu clube vir a Gulné-

-Bissau efectuar alguns encontros de futebol.

Curso de avaliação de projectos

Prossegue na sala de conferências do Hotel 24 de Setembro, o curso organizado pelo Comissariado de Estado da Coordenação Económica e Plano sobre a Avaliação de Projectos, que se destina à formação de quadros dos diversos Comissariados. O referido curso está sendo dirigido pelos camaradas Marc Cherval, Director do Re-

curso e Progresso Técnico da S.E.D.E.S., e Hao Levu.

Na sessão de ontem de manhã foi abordado o tema sobre critérios de escolha de projectos de análise económica, e na parte da tarde, foram feitos exercícios práticos do tema acima mencionado.

O referido curso prolongar-se-á até ao dia 16 do corrente.

II Conferência Intergovernamental

(Continuação da 1.ª página) predominio das mulheres na lavoura do arroz — a organização dos agricultores em grupos de família, cabendo a cada grupo uma parcela de terreno. A primeira colheita deste ano será feita no mês de Maio estimando-se que a produção aumente devido à introdução de moto-bombas. Esta medida constitui, por outro lado, um grande passo para se conseguir a autosuficiência alimentar da população local, que é um dos objectivos assinados pelos técnicos.

«Queremos criar pequenas unidades para o descasque de arroz, a fim de procurarmos equilibrar o prejuízo que a diferença entre preço do arroz com casca e descascado traz na venda do cereal» sublinhou o responsável do projecto de Contubuel.

Quanto à fábrica debulhadora de algodão, deve-se assinalar que os responsáveis consideram urgente o seu acaba-

mento, dado a que, durante os anos anteriores, eram obrigados a empregar uma soma elevada, para o descasque e tratamento do algodão no Senegal. «Agora aceleramos os trabalhos de construção das instalações, para que na próxima campanha, possamos servir-nos da fábrica», frisou o camarada Nhama da Costa, engenheiro agrónomo e responsável do projecto de algodão.

As duas últimas etapas da visita dos camaradas João Bernardo Vieira e Pedro Pires seriam o centro de formação de enquadreadores agrícolas em Fátima Mandinga, e a cooperativa 12 de Setembro.

Fátima Mandinga era um lugar onde, durante a luta de libertação, era treinada a tropa colonial dos «comandos africanos». Depois da nossa independência, devido à necessidade de cumprir a exigências mínimas para o avanço dos trabalhos dos projectos criados na re-

gião de Bafatá, os responsáveis locais decidiram dar um novo significado àquele lugar.

Foi assim que nasceu aquele centro, onde agora se faz a formação enquadreadores agrícolas ligados aos projectos de algodão e da mancarra.

Dado que os camponeses que frequentam aquela escola são, na sua maioria, indivíduos com a quarta classe, tem sido tarefa prévia dos professores a superação dos alunos e depois a sua selecção.

Os dois chefes do Governo seriam recebidos na cooperativa 12 de Setembro pelo camarada Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, que era acompanhado de altos funcionários daquele departamento. Na cooperativa, os camaradas João Bernardo Vieira e Pedro Pires percorreram os terrenos da associação de antigos condutores dos Armazéns do Povo, cultivados de ananazes, bananas e cana do açúcar.